

Olhares de meninas

diários de Helena Morley e de Taty Alves



Edição
Tatiana Damázio Alves Bartolomeu

**"Bendito é aquele que semeia livros,
Livros a mão cheia e manda o povo pensar;
O livro caindo na alma, é germe que faz a palma,
é chuva que faz o mar".
Castro Alves**

A minha saudosa, querida e amada mãe.
Família e amigos da década de 1990.

SUMÁRIO

Prefácio

5

Olhares da menina Helena

1893

7

1894

9

1895

11

Olhares da menina Taty

1996

13

Prefácio

Foi um privilégio para mim receber o convite para fazer o prefácio do livro "Olhares de Meninas - Diário de Helena e Taty Alves", pois essa é primeira obra da minha querida irmã Taty.

A obra relata dois olhares: O olhar de Helena - Uma adolescente que viveu no século XIX, entre os anos de 1893 e 1895, na cidade de Diamantina interior de Minas Gerais. O Brasil passava por várias mudanças políticas com o fim da escravidão, e início da República. Helena conta cenas e momentos vividos por ela, como a pena que ficou do gato enforcado pelas amigas da mãe, além de comentários e costumes cotidianos da Diamantina do século XIX, (a risada da escrava no momento errado que pôs fim a uma amizade de anos entre duas famílias) mostrando sua impressão a respeito de tod impeachment as essas coisas.

A obra também traz um outro olhar: O de Taty - Uma adolescente, que escreve o seu diário aproximadamente cem anos depois de Helena. Década de 1990, século XX. O Brasil também passava por transformações, com o avanço da tecnologia, e mudanças políticas com o primeiro de um presidente, poucos anos depois da volta da democracia. Na economia, uma certa estabilidade com o surgimento do plano Real.

É nesse cenário que ela escreve seu diário contando cenas e momentos do seu cotidiano vividos no bairro Pompéia, em Belo Horizonte. Em muitos desses eu estive presente. Como irmão mais novo, era comum participar de algumas das suas travessuras. Tínhamos uma galerinha de amigos, aliás, eram todas muito mais amigas dela do que minhas. Como esquecer dessa turma: Karla, Karina, Vívian, Samuel, Chica etc, nomes que com certeza vocês leitores verão nessa obra. Sem falar na galerinha da Igreja, Denise, Solange, Lucas, enfim...

Taty gostava muito de ficar o tempo todo com essa galera. Eram passeios, barraquinhas, brincadeiras...Tinha um jogo de baralho, que eu também brincava, que chamava "copo d'água", aquele que abaixasse as cartas por último bebia água literalmente... E ela era a mais distraída, sempre tomava toda a água (Já deixávamos a garrafa cheia do lado dela).

Lembro-me também que, na época do Natal costumávamos fazer assim: passávamos em nossa casa a virada, com nossa saudosa mãe Zizi (meu pai sempre trabalhava a noite e minha mãe preferia fazer o almoço no outro dia) e depois íamos nas casas de vários amigos. Como era bom "filar" a comida diferente em cada lugar (risos) isso, é claro, não importava, o mais legal era estarmos junto deles. Foram anos maravilhosos, entre 1993 e 1999. Uma adolescência bem vivida pela autora e é claro, por mim também.

Tenho certeza, caro leitor, que gostarão das muitas histórias contadas aqui. Desejo a todos uma agradável e proveitosa leitura !

JONAS DAMÁZIO

Olhares da menina Helena 1893

Quarta-feira, 18 de janeiro

Estamos na Boa Vista e fomos hoje à casa de uns amigos que eram tão bons para nós, todas as vezes que aqui vínhamos. Obsequiavam sempre a mamãe com frutas, ovos, frangos e verduras. Esta amizade ficou forte com a parença de Luisinha, minha irmã, com a sobrinha deles que estava fora. A mulher, Dona Mariquinha, dizia sempre que nos via: “Que saudades da Quintinha! Vendo a sua menina, parece que estou vendo a outra, Dona Carolina. É cara duma, cara doutra, sem tirar nem pôr. Ainda hei de juntar as duas para a senhora ver”. Mamãe dizia: “É pena mesmo a sua não estar aqui”. Ela dizia: “O dia chegará, Dona Carolina”.

E íamos ganhando os presentes e comendo de todas as frutas que havia no quintal, ela sempre dizendo: “Deixe as meninas à vontade, Dona Carolina. Parece que estou vendo a Quintinha fazendo arte. Eu e Juca não tivemos filho e ela é mesmo que filha para nós. Está sempre aqui, mas foi passar o Natal com os pais no Mendanha e ainda não voltou. Mas duma hora pra outra ela está de volta e eu mando Juca chamar sua menina para a gente comparar”.

Nós íamos aproveitando a parença e comendo as frutas. Chegou o dia. Seu Juca passou, a cavalo, e mesmo sem apeiar disse a mamãe: “Mariquinha manda dizer que a Quintinha chegou e que ela espera a senhora lá hoje, com as meninas”. Mamãe respondeu que esperava só meu pai para lhe dar almoço e depois irmos.

Nós ficamos logo alvoroçadas. Oúnico lugar de toda a redondeza que tem frutas é a chácara de Seu Juca. Frutas e verduras. Nem sei como eles plantam assim. Aqui na Boa Vista só querem minerar. É só diamante e ouro; não cuidam de outra coisa. Para plantar, eles todos dizem que a terra não presta. Mas agora nem sombra de fruta a gente verá mais, nestas férias, por culpa de Cesarina. A demônia da negrinha entornou o caldo todo.

Meu pai veio almoçar e disse a mamãe que ia passar no serviço, para ver o que estavam fazendo, e depois íamos juntos. Engolimos a comida depressa. Passamos no serviço, estavam desbarrancando.

Quinta-feira, 16 de março

Eu acho que se fosse má seria mais feliz do que sou. Pelo menos não teria tanta pena de tudo como tenho, nem sofreria como sofro de ver os outros fazerem maldade.

Eu gostava muito das Correias, duas amigas de mamãe aqui da vizinhança, porque pensava que elas eram boas. Mas hoje mamãe me mandou levar umas broas para as duas e eu entrei na hora em que elas estavam fazendo uma maldade horrível. Arrependi-me de ter ido levar o presente e tomei raiva delas. Elas estavam enforcando um gato na maior satisfação. Uma segurava a corda numa ponta, outra noutra, e o gato dependurado. Larguei o prato em cima da mesa e corri para casa.

Elas vieram explicar a mamãe que foi porque o gato tinha furtado a carne. Mamãe lhes disse: “Helena é assim mesmo, tem pena de tudo”.

Domingo, 18 de fevereiro

Hoje fizeram o enterro de Bela. Todos na Chácara se convenceram de que ela estava morta, menos eu. Se eu pudesse não deixaria enterrá-la ainda. Disse isso mesmo a vovó, mas ela disse que não se pode fazer assim. Bela estava igualzinha à que ela era no dia em que chegou da Formação, só um pouquinho mais magra.

Todos dizem que o sofrimento da morte é a luta da alma para se largar o corpo. Eu perguntei a vovó: “Como é que a alma dela saiu sem menor sofrimento, sem ela fazer uma caretinha que fosse?”. Vovó disse que tudo isso é mistério, que nunca a gente pode saber essas coisas com certeza. Uns sofrem muito quando a alma desapega do corpo, outros morrem de repente sem sofrer.

Fomos todos acompanhar Bela até a Igreja do Rosário. Eu voltei para não vê-la cair na cova e porem terra em cima. Glorinha assistiu tudo. Veio me dizendo que ouviu Bela soltar um ronco quando socaram terra em cima e que afiançava que a tinham enterrado viva. Eu achei que ela disse isso só para me aborrecer ainda mais.

Mas é preciso tratar da vida. Amanhã já temos aulas na Escola. Vou ver se consigo estudar este ano.

Terça-feira, 17 de abril

Hoje deu-se comigo uma coisa tão horrível que eu fiquei triste o resto do dia.

Todas as alunas da Escola já estão com o uniforme de fazenda azul. Algumas demoraram a fazer mas todas já fizeram. Foi a melhor invenção que eu já vi até hoje. Era muito difícil para nós termos sempre vestido pronto para a Escola; umas andavam bem vestidas, mostrando sua riqueza e outras sua pobreza. Agora estamos todas iguais, graças a Deus.

Senhor Bispo, falando a uma colega do quarto ano que gostou da ideia do uniforme na Escola e perguntando se era bonito, ela prometeu levar algumas alunas para ele ver. Como eu moro para baixo do Palácio, Maria Pena disse: “Não deixe de me esperar na saída da Escola. Eu quero levar você e outras que moram perto do Palácio para o Senhor Bispo ver os uniformes”. Acabadas as aulas ela chamou umas alunas e fomos para o Palácio. Chegando lá fomos logo subindo, eu escorreguei, rolei a escada um bom pedaço e meus livros se espalharam. Eu me levantei, pus-me a ajuntar os livros e dei por falta da minha geografia novinha. Fiquei tão triste de ter perdido meu livro que Maria Pena teve uma ideia e disse: “Vou procurar nos livros de todas; pode ser que alguma tenha apanhado por engano”. Foi correndo os livros e o meu estava metido no meio das de V...Maria Pena tirou-o, entregou-me e ninguém falou mais nada.

Estou boba até agora.

Terça-feira, 19 de novembro

Estou vindo da Rua da Glória onde fui visitar minha prima Batistina que chegou do Rio e estava no Biribiri, onde tia Ritinha, mãe dela, mora. Fiquei encantada com minha prima; como é simpática e amável! Ela não passou por aqui quando voltou do Rio de Janeiro. Foi diretamente para Biribiri. Meu tio levou-a para se educar no Rio onde ela tem uma tia, irmã de caridade e professora no Colégio de Botafogo. Quanto vestido bonito, capinhas de renda e tanta novidade ela trouxe! Veio sabendo falar francês e tocar piano. Ela disse que tio Joãozinho já deixou um piano comprado no Rio para vir para aqui. Esteve fazendo planos de bailes, piqueniques, passeios a cavalo. Eu lhe disse que não contasse comigo antes das férias. Estou em vésperas de exame e já vadiiei muito este ano. Ela é mais feliz do que eu, pois já está preparada e não precisa de tirar o título de normalista. Este é o pesadelo que me persegue dia e noite. Também ser tão feliz quando me deitar e acordar de manhã sem pensar em escola! A esperança é a melhor coisa da vida. Dá-nos coragem para tudo. Eu faço castelos maravilhosos nos poucos instantes em que espero o sono.

Terça-feira, 31 de dezembro

Hoje estou me lembrando de vovó, porque a alma dela nos tem protegido desde que morreu. Quando vezes ela não me dizia: “Você é que vai valer à sua família, minha filha. Você é tão inteligente e boazinha”. Lembro-me também dela sempre dizer a mamãe: Carolina, minha filha, eu estou muito precisada de morrer para melhorar sua vida”. Falava assim por não lhe poder dar dinheiro em vida, porque tio Gerlado, que tomava conta da fortuna dela, não deixava. O dinheiro que vovó deixou para mamãe foi pouco e meu pai pagou todas as dívidas e continuou na mineração. Mas logo as coisas mudaram e nossa vida tem melhorado tanto, que eu só posso atribuir à proteção da alma de vovó. Meu pai entrou para a Companhia Boa Vista e tudo dos estrangeiros é só com ele, porque é o único que fala inglês e conhece bem as lavras. Agora não vamos sofrer mais faltas, graças a Deus.
Não é mesmo proteção de vovó lá do Céu?

Olhares da menina Taty **1996**

Domingo, 07 de julho

Querido diário, depois de algum tempo sem lhe contar as novidades, estou aqui para lhe contar resumidamente o que aconteceu comigo durante minhas férias. Primeiramente quero dizer que foi mais ou menos um ano atrás que passei por uma depressão, algo que fez eu falar coisas que eu não queria e nem fazia antes. O que mais fazia, eu lembro era pedir ajuda a Deus. E foi nesses dias que surgiu o aniversário da Débora para eu ir, eu não estava muito bem, mas procurava manter as aparências. Eu fui uma das 15 damas que entrou na cerimônia. Não tinha condições de comprar o vestido para entrar, quando fui convidada fiquei constrangida. Mas Deus ajudou que conseguimos, eu e minha mãe. Pois no dia em que foram na nossa casa nos convidar, ela e a mãe dela, a sua mãe nos disse: “Você quer algo, pedi a Deus, no seu coração que ele dá”. E realmente deu certo. Eu pedi e no dia eu estava linda com vestido, sapato, maquiagem e cabelos arrumados. Depois te conto mais coisas. Amanhã, pois já é meia-noite. Tenho que dormir.

Quarta-feira, 11 de setembro

Aqui estou mais uma vez para te contar outra novidade. Pedi a Deus que meu pai, que estava desempregado, há muito tempo, arrumasse emprego. Porque enquanto ele estava desempregado, toda a família sofreu, inclusive minha mãe. E essa semana ele começou a trabalhar. Graças a Deus! Também fui sorteada para fazer um curso de computação. Vou pagar somente R\$ 50,00 por mês. Tenho certeza que este curso vai me ajudar muito no meu futuro. Vou parar por aqui. Já está tarde. Amanhã não tem aula e quero ir na casa da minha tia Anita.

Terça-feira, 03 de dezembro

Quero contar os momentos marcantes do mês de novembro. Principalmente o dia do meu aniversário. Os meus amigos da igreja fizeram uma surpresa para mim. Alias não foi bem surpresa, porque minha mãe não aguentou e contou. Ela ficava chorando e dizendo Deus é bom. E de tanto eu perguntar porque, ela me contou. De pedido de aniversário no ano anterior eu fiz 3 pedidos. Um era a festa de 15 anos, o outro ganhar um violão e o último sentir o carinho e amor dos meus amigos. E Deus é tão bom que me concedeu todos.

Na minha festa estavam todos meus familiares, tios, tias, primos, primas. Claro minha mãe, meu pai, meu irmão e meus queridos amigos. Ganhei muitos presentes. Eu estava tão feliz e me sentindo tão bonita, que acho que até fui paquerada por um rapaz, mas não quero me iludir. Realmente este dia foi um dos dias mais felizes da minha vida. Nunca vou me esquecer dos meus 15 anos.

Este livro foi composto pelo
Grupo de estudos de Letras na UFMG,
Na fonte Times New Roman e publicado,
em sua primeira edição, pelo site

Construindo um Livro –MG, no inverno de 2017.